



Quarenta Dias no deserto da metrópole: a influência do espaço na construção da personagem Alice

Forty Days in the desert of the metropolis:
the influence of space in the construction of the character Alice

CINDY CONCEIÇÃO OLIVEIRA COSTA

<http://orcid.org/0000-0001-6125-1573>

HERASMO BRAGA DE OLIVEIRA BRITO

<https://orcid.org/0000-0003-0129-4015>

Resumo: O romance neorregionalista *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, constitui-se pelos escritos da protagonista Alice, professora de língua francesa aposentada, em seu caderno velho da Barbie – espaço onde reconstrói a sua trajetória de vida através de suas memórias na Paraíba –, bem como escreve sobre seu cotidiano na caótica cidade de Porto Alegre, para onde foi obrigada a se mudar por causa de sua filha Norinha. Através do relato da protagonista-escritora, vemos uma mulher na idade madura que se sente estrangeira numa metrópole completamente oposta a tudo o que conhecia, deparando-se com preconceito, xenofobia e uma jornada de autoconhecimento. Além disso, Alice evoca memórias do período da Ditadura Militar no Brasil, quando conta sobre a morte de seu marido e o seu envolvimento com atividades consideradas subversivas, assim como sua relação conturbada com a filha. À vista disso, o presente artigo tem como objetivo investigar a influência do espaço na construção da personagem principal Alice. Tratando-se da metodologia utilizada, este é um estudo de cunho bibliográfico, de natureza básica, assim como uma análise-crítica qualitativa a partir do método comparatista, o qual baseia-se nas pesquisas de Brito (2017), Brandão (2019), Sarlo (2014), Silva (2022), entre outros. Portanto, os resultados obtidos mostram como a escrita para Alice é uma forma de resistência e de afirmação de si mesma, isto é, como o único espaço seguro em que a personagem possa narrar as suas vivências e percepções de mundo.

Palavras-chave: *Quarenta dias*; Maria Valéria Rezende; Neorregionalismo literário; Espaço ficcional.

Abstract: The neo-regionalist novel *Quarenta dias* (2014) by Maria Valéria Rezende is constructed through the writings of the protagonist, Alice, a retired French teacher, in her old Barbie notebook — a space where she reconstructs her life journey through memories of her homeland in Paraíba and documents her everyday life in the chaotic city of Porto Alegre, to which she was forced to move by her daughter, Norinha. Through the narrative of this protagonist-writer, we observe a mature woman feeling like a foreigner in a metropolis entirely opposed to everything she once knew, confronting prejudice, xenophobia, and embarking on a journey of self-discovery. Additionally, Alice recalls memories from Brazil's military dictatorship, recounting her husband's death and her involvement in what were deemed subversive activities, along with her troubled relationship with her daughter. This article aims to investigate the influence of space on the construction of the main character, Alice. Regarding the methodology, this is a bibliographic study of a basic nature, with a qualitative critical analysis through a comparative method, drawing on research by Brito (2017), Brandão (2019), Sarlo (2014), Silva (2022), among others. The findings reveal how writing serves as an act of resistance and self-assertion for Alice — her only safe space where she can narrate her experiences and perceptions of the world.

Keywords: *Quarenta dias*; Maria Valéria Rezende; Neo-Regionalist Literature; Fictional Space.



INTRODUÇÃO

O romance neorregionalista *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, é composto de uma narrativa metaficcional que se constitui pelos escritos da protagonista Alice, professora aposentada de Língua Francesa, em seu caderno velho da Barbie, espaço onde reconstrói a sua trajetória de vida através de suas memórias na Paraíba, bem como escreve sobre o seu cotidiano na caótica cidade de Porto Alegre, para onde teve de se mudar obrigada por sua filha Norinha. Alice escreve no caderno que torna-se um diário, no qual os acontecimentos começam a ser narrados quando volta de sua jornada em busca de um conterrâneo desaparecido, Cícero Araújo.

Essa busca faz a personagem-escritora percorrer a cidade de Porto Alegre e viver o cotidiano da metrópole de uma forma dura e difícil, vivenciando a face mais obscura da cidade, rodeada pela pobreza e discriminação. Nesse sentido, a metrópole não é apenas um cenário passivo, mas um agente ativo que impõe desafios e reflete as tensões sociais e culturais que permeiam a vida da protagonista. Assim, o romance não apenas retrata a luta de Alice para se adaptar à nova realidade, mas questiona as dinâmicas de poder, exclusão e resistência em um contexto urbano caótico e desumanizador, o qual conhecemos através do olhar dela.

A autora, Maria Valéria Rezende, tem se sobressaído no cenário atual da literatura brasileira, com uma obra composta por romances, contos, crônicas e ensaios, além de voltar-se para uma produção infantil e juvenil que possui grande notoriedade. Nascida em São Paulo, em 1942, radicou-se na Paraíba a partir de 1976. Possui formação em Língua e Literatura Francesa, Pedagogia e mestrado em Sociologia, com foco em estudos sobre a vida religiosa feminina no Nordeste brasileiro. Em sua juventude, Rezende entrou para a Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho, o que a fez viajar por vários lugares do Brasil e do mundo com trabalhos pedagógicos de educação popular, com a intenção humanitária de levar conhecimento às comunidades carentes, pautada nos postulados de Paulo Freire. Nos anos 1960, foi participante da Juventude Estudantil Católica, um movimento cristão de esquerda que demonstrava resistência à Ditadura Civil-Militar instalada no país em 1964, período esse que é retratado em suas narrativas, além de outras temáticas e cenários recorrentes

que estão sempre presentes. A autora alia a sua vida religiosa com a pesquisa, a educação, a literatura e também o feminismo, questões essas que são marcantes em suas produções literárias.

Na narrativa em análise, através do relato da protagonista-escritora, vemos uma mulher na idade madura que se sente estrangeira numa cidade completamente oposta a tudo o que conhecia, em que se depara com preconceito, xenofobia, assim como uma jornada de autoconhecimento. Além disso, Alice evoca memórias do período da Ditadura Militar no Brasil, quando nos conta sobre a morte de seu marido e o seu envolvimento com atividades consideradas subversivas, assim como fala sobre a sua relação conturbada com a filha, o que acaba sendo o mote para as suas andanças. A narrativa de Alice é autoconsciente e autorreflexiva, pelo seu caráter metaficcional, assim, a sua escrita a faz muitas vezes brincar com aquilo que coloca no texto, como um jogo metaficcional, com quem vai ou não ler o que se encontra naquelas páginas, ou mesmo com a personagem que ilustra a capa do caderno (Barbie), entre outros jogos e recursos ficcionais.

À vista das questões apresentadas, o presente artigo tem como objetivo principal investigar a influência do espaço na construção da protagonista-escritora Alice, ancorando-se metodologicamente enquanto um estudo de cunho bibliográfico, de natureza básica, assim como uma análise-crítica qualitativa a partir do método comparatista, o qual baseia-se nas pesquisas de Brito (2017), Brandão (2019), Sarlo (2014), Silva (2022), entre outros. Destarte, essas questões serão apresentadas a partir da relação entre a personagem e a cidade em que se encontra, bem como de que forma essas dinâmicas aparecem na narrativa, entremeadas pelo recurso da memória e pelo ato da escrita.

OS ESPAÇOS MEMORIALÍSTICOS NA (RE)CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA ALICE

O espaço nas narrativas ficcionais não é um mero demarcador geográfico, uma vez que está intrinsecamente ligado com o enredo, personagens e demais elementos que as formam. O ambiente em que uma personagem se encontra pode refletir tanto o seu estado psicológico quanto destacar suas lutas internas, e até mesmo funcionar como um antagonista que desafia e testa suas limitações e sua constituição. Além disso, o espaço ficcional pode ser usado para criar

contrastes entre personagens, delineando as suas diferenças culturais, sociais ou econômicas. Portanto, o lugar em que uma personagem vive ou é forçada a se adaptar, como é o caso de Alice, pode expor as tensões entre tradição e modernidade, entre pertencimento e deslocamento, ou entre segurança e perigo, sendo assim um grande influenciador na construção ficcional.

À vista disso, de acordo com Borges Filho (2008, p. 01), “a criação do espaço dentro do texto literário serve a variados propósitos e seria tarefa ingrata e fracassada separar e classificar todos eles”, entretanto, o autor cita algumas funções do espaço na narrativa literária, sendo elas: caracterizar as personagens, situando-as no contexto socioeconômico em que vivem; influenciar as pessoas e também sofrer suas ações; propiciar a ação; situar a personagem geograficamente; representar os sentimentos vividos pelas personagens; estabelecer contraste com as personagens; e antecipar a narrativa. Destarte, o estudo do espaço nas narrativas literárias se torna importante para compreender aspectos da narrativa que vão além do lugar em que está situada ou por onde as personagens passam. O espaço é, portanto, elemento imprescindível para a história no que concerne a todos esses pontos citados e, no caso de narrativas como *Quarenta dias*, para a compreensão da própria construção das personagens, em seus aspectos sociais, subjetivos e memorialísticos.

Para tanto, no que se refere ao Neorregionalismo brasileiro, esta é uma tendência estética que está presente tanto na literatura quanto nas outras artes contemporâneas, sendo continuadora do Regionalismo do século XX, não obstante, com diferentes características, as quais foram ressignificadas pelas transformações sociais e progressos do mundo hodierno. Nesse sentido, segundo as asseverações de Brito (2017):

A ressonância da força da prosa regionalista perdura até hoje dentro das letras nacionais, só que com nova configuração, que se passa a analisar e a qual se denomina Neorregionalismo. Essa nova tendência literária se apresenta como eixo da sua configuração três aspectos [...] o primeiro consiste na *autonomia das personagens femininas* dentro das obras; o segundo é em relação ao *espaço literário*, que não situa apenas os personagens sob um dado cenário, mas apresenta outras moldagens dentro do enredo se transmutando, em alguns casos, em personagem; e o terceiro elemento reside na *valorização dos aspectos locais pelo recurso da memória* e, mesmo quando não há a utilização desse artefato narrativo a cultura da região se faz presente no enredo como um forte teor de *resistência à homogeneização da cultura*. (Brito, 2017, p. 23-24, grifos do autor).

Compreendemos *Quarenta dias* enquanto uma narrativa neorregionalista, haja vista que vemos nela as seguintes configurações: a passagem da zona rural para a urbana, o que acentua significativas mudanças na forma do enredo e nas personagens; a autonomia das personagens femininas; bem como a problematização do espaço, em que “o cenário dos enredos não acontece mais dentro do universo rural, ele agora se situa no ambiente urbano” (Brito, 2017, p. 32). Além disso, conforme elucida Brito (2017, p. 32), outro elemento de diferenciação do regionalismo é que nessas narrativas o espaço é um elemento coparticipante, isso porque esse espaço se constitui como elo entre o ser interno das personagens com a exterioridade das experiências vividas por elas, “isto é, como um dos componentes da substância da formação identitária das personagens”. De tal modo, no romance analisado, o espaço e a memória são elementos essenciais na formação da identidade da personagem, o que Alice revela por meio de seus escritos, da narração que faz de si mesma e dos outros.

Conforme trata Brandão (2019), na criação de uma personagem ficcional, ela é posicionada relativamente a outros elementos do texto, por isso, pode ser situada fisicamente (espaço geográfico), temporalmente (espaço histórico), em relação a outras personagens (espaço social), às suas próprias características existenciais (espaço psicológico), em relação às formas como se expressa (espaço de linguagem), entre outras. De tal forma, o espaço da personagem seria como:

[...] um quadro de *posicionamentos* relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaço na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo está. (Brandão, 2019, p. 68, grifos do autor).

Nisso se encontra a importância de se compreender o espaço representado, em suas diferentes nuances e instâncias, para compreender a própria personagem. Ademais, o espaço na literatura seria, portanto, um reflexo da realidade, uma representação, e não o real e concreto tal qual ele é fora do universo ficcional. Dessa forma, a cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, apresentada no romance de Maria Valéria Rezende, não é a metrópole gaúcha tal qual se apresenta na realidade, mas sim uma representação dessa cidade, vista

pelos olhos da protagonista Alice e interpretada a partir de suas concepções de mundo.

Segundo explica Brandão (2019, p. 73), a literatura traz diversas formas de se apresentar/representar o espaço, e uma delas é em forma de espelho deformante, "com a intenção de deslocar a imagem que a sociedade tem de si mesma". O objetivo desse tipo de literatura seria, ainda segundo o autor, o de abrir novos campos de visão e de revelar novas dimensões do real, isto é, uma "literatura que se deseja profundamente crítica" (Brandão, 2019, p. 73), como é o caso das produções de Maria Valéria Rezende. Destarte, o espaço é também um desdobramento de vivências, em que por meio de uma perspectiva aberta é possível pensá-lo enquanto lugar que abarca tanto configurações sociais (espaço social), quanto psicológicas (espaço psicológico) (Brandão, 2019), como tratado anteriormente.

Em *Quarenta dias*, percebemos a configuração do espaço social em todo o romance, pois, para Brandão (2019), "por espaço social entende-se a observação, descrição e análise de ambientes que ilustram, quase sempre com intenção crítica, aquilo que, utilizando-se um vocabulário naturalista, pode-se chamar de 'os vícios e as deformações da sociedade'". Assim, Alice, após vivenciar seus quarenta dias vagando pelas ruas de Porto Alegre, decide escrever no caderno o que lhe ocorreu e seus motivos para tal atitude, bem como suas memórias que são o tempo todo evocadas. Como conta:

Entrei neste apartamento – ainda não consigo dizer "em casa", tento, mas não há jeito – agora há pouco, exausta, carregando um furdunço no peito, sem saber onde despejar essa balbúrdia de imagens, impressões, sentimentos acumulados por quarenta dias, dei com o olho na Barbie e soube logo em quem vou descarregar tudo isso. [...] Nem tranquei a porta, nem fui ao banheiro, nem bebi um copo d'água, muito menos pensei em telefonar a Norinha, a Elizete ou a quem quer que seja, aquela sensação de existir solta, no meio do mundo, sem nenhuma determinação alheia, mas exposta a tudo, uma conquista dura, persistindo como se eu ainda estivesse na rua, peguei o caderno, procurei uma caneta, joguei a bolsa e os sapatos por aí, desabei no sofá branco que eu detesto com você, Barbie, no colo, apoiada numa almofada roxa de babados que eu também detesto, mas Norinha adorou, comprou e até combina com você, "my dear friend". *E aqui estou vomitando nessas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo para fora* e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mijá e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar. (Rezende, 2014, p. 13-14, grifos nossos).

Desse modo, vemos como o apartamento dado pela filha de Alice é, para ela, um espaço estranho, de não pertencimento, por isso, vagar pelas ruas em busca de um conhecido distante era algo mais familiar para ela, como se ao encontrar o conterrâneo ela pudesse sentir novamente aproximação com seu lugar de origem. Alice percorre as ruas da cidade e narra sobre o que vê, por onde passa e sobre as pessoas que esbarra ou que observa. Como conta, escrever o seu relato também é uma forma de esconjurar toda essa gente que tomou conta dela. Sobre personagens que percorrem a cidade, Brandão elucida que:

[...] os labirintos metropolitanos são capazes de apontar a incerteza fundamental da localização no tempo e no espaço. É sabido que Benjamin, em especial a partir da obra do escritor francês Charles Baudelaire, pensa o espaço da cidade enquanto lugar de emergência de um tipo especial de sujeito: o *flâneur*, andarilho que vaga pelas ruas, lançando sobre a cultura urbana um olhar simultaneamente atento e distraído, crítico e cúmplice. (Brandão, 2019, p. 85).

Sobre a figura do *flâneur*, segundo Brandellero (2020), esta representa o artista e cronista das ruas: um homem invariavelmente livre de preocupações financeiras urgentes e com tempo de sobra para vagar pelas ruas da metrópole, observando, de forma anônima e distanciada, o espetáculo cotidiano da cidade. Ainda conforme a autora, em relação à sua contraparte feminina, permanece quase totalmente invisível como sujeito atuante no espaço urbano, raramente ultrapassando o papel de mero objeto do olhar masculino, refletindo uma dinâmica desigual (Brandellero, 2020), o que vem sendo debatido e ressignificado em muitas narrativas contemporâneas, como é o caso do *corpus* do presente estudo.

Alice pode, pois, ser considerada como uma andarilha, uma *flâneur*, pois lança um olhar, principalmente, atento e crítico sobre o que vê na urbe. Seus dias de andarilha são, como descreve: "Quarenta dias no deserto, quarenta anos" (Rezende, 2014, p. 18), assim, fazendo alusão aos quarenta dias do deserto em que a figura de Jesus Cristo passa, Alice compreende esse como um período de provações e situações difíceis, como se fossem quarenta anos, levando em consideração o que passou nessa peregrinação.

Nesse sentido, retomando o que trata Brandão (2019, p. 82), na narrativa contemporânea, o espaço constrói-se a partir do cruzamento de variados planos espaço-temporais experimentados pelo sujeito, "apresentando uma dimensão múltipla e um caráter aberto". Outrossim, Alice fala sobre o que vê e também

rememora a todo o momento, memórias essas que são muitas vezes ativadas pelos próprios lugares, pois conforme Brandão (2019, p. 83), muitas vezes as personagens existem em um universo que “é constantemente rearranjado pela memória”. Isso porque a memória produz, ainda segundo o autor, uma multiplicidade de pontos de vista sobre o espaço e, assim, casas, ruas, bairros e cidades se tornam locais privilegiados para a emergência dessas recordações (Brandão, 2019).

Outro aspecto importante a ser levado em consideração é que homens e mulheres experienciam o tempo e o espaço de modos diferentes. Como explica Delgado (2015, p. 624), a literatura contemporânea de autoria feminina, a qual participa do cenário atual no Brasil e na esfera literária, tão marcada pela exclusão de gênero, vai “dispor de modo diverso e sintomático dos ecos discursivos do espaço social”. Em *Quarenta dias*, a personagem Alice é uma mulher marcada pelos papéis de gênero e pelo que se espera dela, como mãe e avó, bem como a sua percepção de mundo é erigida sob essa ótica, por determinações culturais e gendradas que lhe foram impostas desde seu nascimento e criação, refletidas diretamente em sua construção enquanto sujeito e personagem. Em suma, a narrativa desnuda como a subjetividade de Alice é alicerçada por uma vida inteira de expectativas impostas pela sociedade, o que torna sua jornada de autodescoberta e resistência uma forma de contestar certas construções sociais de gênero.

8

A CIDADE E A PERSONAGEM ALICE: ESCRITA, MEMÓRIA E ESPAÇO

Em obras neorregionalistas, o espaço e a memória são elementos quase sempre focais na narrativa, com presença marcante nos enredos, assim como os dois estabelecem relações importantes entre si. O espaço é, por sua vez, coparticipante e influencia diretamente na constituição das personagens, já a memória atua tanto como uma forma de resistência, como também um elemento influenciador dos seus processos subjetivos.

A cidade em *Quarenta dias* é um tema constante, juntamente com o papel da escrita e da memória na constituição da personagem. Compreender a forma como a urbe é representada no romance nos ajuda na própria compreensão da narrativa. Segundo assinala Argan (1998, p. 243), a cidade, todos os edifícios, sem

exclusão de nenhum, são representativos e, "com frequência, representam as malformações, as contradições, as vergonhas da comunidade". Assim, Alice, ao narrar sobre a sua peregrinação, delinea comunidades, casas sem saneamento, a falta de cidadania em contrapartida aos prédios faustos e mansões enormes nos bairros nobres, locais esses em que crianças pobres eram proibidas até de jogar futebol.

Nesse sentido, quando se fala sobre a cidade, isso não é algo delimitado à descrição do espaço, uma vez que "a urbe exerce ação sobre os seres que nela circulam" (Resende; David, 2016, p. 11). Corroborando com essa ideia, Certeau compreende a cidade enquanto um sujeito, universal e anônimo, formado pelas diferentes características das pessoas reais que vivem e passam por ela. Ademais, para o autor, o espaço enquanto prática produz narrativas, isso porque "Habitar é narrativizar" (Certeau, 2014, p. 201) e, dessa forma, nas atividades cotidianas, como caminhar, vestir-se, morar ou cozinhar, as histórias que emanam desses espaços deixam suas marcas nos bairros, criando memórias que já não têm espaço para existir, como infâncias, tradições familiares e eventos sem datas definidas (Certeau, 2014).

Corroborando com o que trata Pesavento (2002), sobre o imaginário da cidade, segundo Resende e David (2016, p. 11), "a literatura se encarrega de dizer a cidade porque permite condensar a experiência do vivido na expressão do texto", com isso, ainda de acordo com Resende e David (2016), a cidade moderna se torna o labirinto da dispersão, o lugar do descartável, em que o material acaba por se sobrepôr ao espiritual, pois corresponde a um discurso que inscreve o homem no espaço e no tempo. Em *Quarenta dias*, são descritos processos de migração, pessoas de cidades do interior do Nordeste indo para as grandes metrópoles (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília etc.), assim como as diferenciações da linguagem na fala das personagens, reflexo da cultura de seu lugar de origem. À vista disso, de acordo com Dalcastagnè (2003), a literatura seguiu a migração para as metrópoles, retratando de forma mais ou menos explícita os desafios de se adaptar a elas, a perda de pontos de referência e os novos problemas que foram surgindo com o distanciamento de suas raízes, causado por uma espécie de desterritorialização.

Para Resende e David (2016), a cidade pode, pois, ser metaforicamente representada pela imagem do corpo, haja vista que a cidade é como um corpo que abrange aspectos geográficos, psicológicos, sociais e culturais. Com isso,

O que incide sobre o corpo afeta a sociedade e também a cidade: o caos, a violência, o escabroso, o sórdido. A cidade – como lugar da dor, do individualismo, da violência e da morte – faz emergir uma prosa em que o ambiente urbano corresponde a um cenário onde não prevalece a euforia, mas, sim, revelam-se as contradições surgidas da aglomeração urbana e, sobretudo, enfoca aquilo que a sociedade capitalista expulsa e marginaliza. (Resende; David, 2016, p. 12).

Maria Valéria Rezende não escreve a “cidade real”, mas, sim, a “cidade como ideia”, ideia essa que mostra a dor, o individualismo, a morte, a desigualdade, assim como a resistência de quem habita as suas margens e vive a cidade cotidianamente. Assim, essas experiências são narradas por Alice de modo que se torna possível questionar essas dinâmicas excludentes apresentadas na narrativa e, por meio da ficção, refletir como essas representações se comportam na cidade real.

Conforme Sarlo (2014), os discursos produzem concepções diferentes de cidade, críticas, análises, figurações, hipóteses, instruções de uso, proibições, ordens, ficções de todo tipo, dessa maneira, “A cidade escrita é sempre simbolização e deslocamento, imagem, metonímia. [...] Escrever a cidade, desenhar a cidade, pertencem ao ciclo da figuração, da alegoria ou da representação. A cidade real, por sua vez, é construção, decadência, renovação e, sobretudo, demolição” (Sarlo, 2014, p. 139). Outrossim, ainda segundo a autora, a cidade real exerce influência sobre a ficção devido ao seu poder simbólico e à sua capacidade de proporcionar experiências, mesmo em textos que não a tenham como tema principal (Sarlo, 2014), e isso é o que vemos na narrativa de Maria Valéria Rezende, a influência exercida pela cidade de Porto Alegre, mesmo que ela não seja o foco principal do romance.

Assim, Alice conta: “Sabe o que descobri nessas minhas viagens?, os muito ricos e os muito pobres são iguais em toda parte” (Rezende, 2014, p. 149). Nas suas andanças, a protagonista se depara com várias pessoas que são invisibilizadas nas grandes cidades, além de ter sido ela própria uma moradora de rua por certo período, o que a fez se tornar um deles: “continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas,

quase invisíveis pra quem vive na superfície, pra cá e pra lá, às vezes à tona e de novo pro fundo" (Rezende, 2014, p. 235). Como tratam Resende e David (2016), toda cidade é sempre heterogênea em suas diferenças sociais, pois nelas podem ser reconhecidos aspectos políticos e representações de poder. Nesse sentido, a personagem "denuncia as condições de vida do meio urbano, a cidade dividida entre ricos e pobres, fazendo tanto a descrição do espaço físico quando do espaço social em que circula as figuras humanas que cruzam seu caminho" (Resende; David, 2016, p. 15).

Alice, fazendo um jogo referencial e utilizando-se da intertextualidade, fala sobre como se sente pequena na cidade do sul:

Quando Umberto embicou o carro num portão diante de um prédio qualquer daquela cidade nenhuma, acionou um controle remoto e entrou, parando ao lado de uma guarita, encolhi-me ainda mais, Alice diminuindo, diminuindo, no meu canto do banco de trás, de onde fui quase arrancada por Norinha. (Rezende, 2014, p. 40).

Nesse excerto, Alice faz uma comparação à sua "xará inglesa", como ela mesma se refere, a Alice de Lewis Carroll, a qual toma um chá que a fez diminuir de tamanho, no entanto, no caso da Alice de Rezende são a migração forçada e o distanciamento do seu lugar de origem que a fazem se sentir encolhendo. Ainda nesse jogo com *Alice no país das maravilhas*:

À toa, como minha xará pelos caminhos de Woderland, zanzei por bosques e gramados até dar num laguinho alongado, com um repuxo de água no meio, junto à margem uma fileira de pedalinhos em forma de aves, não, Barbie, não eram os flamingos da Rainha e nem estavam sendo maltratados, eram cisnes, falsos mas brancos cisnes, sem dúvida, e àquela hora ainda estavam tranquilos. [...] Voltar pro apartamento-arapuca montado pela Rainha Nora é que eu não ia. (Rezende, 2014, p. 165).

Assim, a personagem se refere à sua filha como a Rainha de Copas, a vilã na sua história, bem como alude ao País das Maravilhas (*Wonderland*) como sendo a cidade de Porto Alegre, lugares os quais são impregnados de ambiguidades, que carregam no nome coisas positivas (maravilhas e o adjetivo alegre), mas que também são estranhos a ela e cheios de perigos.

Para Silva (2022), Maria Valéria Rezende cria uma Alice que procura se adaptar a um outro ambiente, como um outro mundo, e nisso se assemelha à Alice de Carroll, a qual cai em um buraco que a leva a um lugar completamente diferente. Como Alice conta: "meu primeiro despertar em Porto Alegre, sem noção

de que horas eram, acordada no susto pelo telefonema de Norinha, eu tentando me orientar na geografia” (Rezende, 2014, p. 47), trecho esse que ilustra o desconforto e desorientação da personagem na nova cidade, que acorda como se tivesse sido jogada no buraco que a leva a outro país.

Segundo Brandão (2019), por ser pano de fundo por onde se desenrolam cenas do cotidiano, o espaço urbano é também marcado pelos emblemas da modernidade, como prédios em construção, operários, mendigos, comércio. E, com isso, a cidade se torna um feixe de relações,

[...] é o lugar onde algo começa a desmoronar. No cenário urbano, o sujeito se dissemina em múltiplos papéis. A cidade se apresenta como um tabuleiro de xadrez em que identificações e movimentos emergentes se cruzam. [...] O habitante do espaço urbano é concebido como um sujeito rasurado, deslocado. É alguém que, se sabendo estrangeiro, renuncia a qualquer pretensão de totalidade, de completude, pois já não há mais nem centro nem periferia fixos e delimitados, mas um campo de batalha onde fervilham diferenças e traços multiculturais. (Brandão, 2019, p. 88-89).

Nesse sentido, a cidade na ficção funciona como o que podemos chamar de microcosmo das tensões sociais, culturais e identitárias que muito definem a experiência moderna. Isso ocorre, pois, na narrativa contemporânea, a cidade não é apenas um cenário passivo, mas um agente ativo que influencia profundamente a experiência individual e coletiva das personagens. A ideia de que a cidade “é o lugar onde algo começa a desmoronar” indica que o ambiente urbano pode ser um agente para a perda de coesão e identidade, o que coloca o sujeito em múltiplos papéis que refletem a complexidade e a ambiguidade do espaço urbano. Com isso, o sujeito urbano, ao reconhecer-se como estrangeiro, aceita a renúncia a qualquer ilusão de totalidade, entendendo que a cidade é, essencialmente, um “campo de batalha” no qual as identidades são constantemente negociadas e renegociadas. Destarte, Alice descreve esse campo de batalha em que se encontram as diferenças e contrastes entre as periferias de Porto Alegre e os bairros nobres. Sobre essa diversidade da cidade, conta:

Parei porque simplesmente não podia seguir adiante, a avenida era larga e movimentada, impossível de atravessar fora da faixa de pedestre. Olhei pra um lado e outro e vi uma mulher de ar humilde, embora mais loura do que qualquer outra que eu já tivesse visto ao vivo, encostada a um muro com um bebê nos braços [...]. Segui até a esquina e atravessei na faixa. Outro ponto de ônibus, só a mulher esperando e, fiquei aliviada, seria brasileira?, era negra, não era dali, não ia me

olhar de modo estranho. Perguntei e recebi uma resposta numa fala que me desmentia. Ela era dali, sim, e disse que o ônibus que já vinha parando no ponto ia pra os lados de lá. (Rezende, 2014, p. 97-98).

No trecho, Alice traz uma reflexão interessante sobre o contraste social e econômico entre as pessoas com que se depara. E quando consegue pegar o ônibus, ao sentar na janela e observar a cidade que passa rápido por sua vista, a personagem se põe a refletir:

Pela primeira vez, desde que começou essa minha migração forçada, tive vontade de chorar e fiquei um bom tempo com a cara virada para fora, fungando, querendo esconder as lágrimas, fingindo que olhava pela janela, vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada, uns com essa cara de luxo padronizado que se espalha igualmente de Dubai a Xangai passando até pelo "edifício mais alto do Brasil", em João Pessoa, outros em construção ou abandonados, sei lá, com aspecto de ruína, tudo tão misturado que a gente fica sem saber se a cidade está nascendo ou morrendo, fui pensando à toa, até o vento da janela secar minhas lágrimas ou eu me lembrar das lágrimas da mãe de Cícero Araújo. (Rezende, 2014, p. 99).

Como escreve, observa, porém vagamente, as avenidas e prédios que passam por sua vista, os quais não lhe dizem nada por não sentir pertencimento àquele local. A cidade, para ela, não é um lugar de pertencimento, mas um espaço de incerteza e desorientação, onde o novo e o velho, o progresso e a decadência, coexistem de forma confusa e desarticulada. Consoante a isso, de acordo com Tuan (2013, p. 151), o espaço se transforma em lugar "à medida que adquire definição e significado", no entanto, para Alice, nem mesmo o espaço de seu apartamento em Porto Alegre é um lugar de aconchego ou que possua significado positivo para ela, pois se sente estrangeira a todo momento, muito menos as ruas da cidade, que é onde se sente ainda mais perdida, onde vê violência (física e social), roubos, mortes, segregação e pobreza. No entanto, ainda assim, prefere sair pela sua jornada nas ruas do que permanecer no apartamento:

Virei uma esquina e fui mais duas quadras além, recusando-me a pedir informações, procurando a esmo algum restaurante a quilo barato. Fiz o prato rápido, rotineiro, arroz, feijão, colherada de farofa, bife à milanesa, um bocado de salada, um suco indefinido e ainda virei uma xicarazinha daquele abominável café grátis de garrafa térmica. Nem estava me importando. Acho que engoli quase tudo sem mastigar direito, ainda me pesa no estômago, com uma urgência de voltar logo pra escapar da tentação de continuar em frente, pela rua, qualquer rua, retornar à maluquice dos meus quarenta dias de vagabundagem, ir de novo à procura do Cícero Araújo, de um Cícero Araújo, do Arturo, da Lola, do Seo Galo, do Giggio, da Catarina, da família do morto, de um qualquer. (Rezende, 2014, p. 46).

Segundo Bachelard (1993), a casa é o local que abriga o devaneio, como um lugar seguro e de pertencimento, o que não acontece no apartamento para Alice, já que para ela esse lugar protetor seria a sua casa em João Pessoa. Como narra:

Emburaquei pela viela, Alice em novo buraco, buraco dentro de outro buraco, de outro buraco, de outro... O vão se alargava um pouco, logo adiante, barracos, dos dois lados, tralhas de todo tipo sob os telheiros junto às portinhas, decerto catadas nas ruas ricas da vizinhança, eu de volta aos becos da Maria Degolada, despejando, de porta em porta, a versão enriquecida e mais dramática da história de Cícero Araújo recriada na terra da santa, ouvida com um ar penalizado por muitas mulheres [...] Senta um pouco, mulher, tu deve de estar cansada. (Rezende, 2014, p. 206).

Alice mais uma vez se refere ao ato de adentrar pela cidade como adentrar em um buraco, no desconhecido, não obstante, sua procura por Cícero não lhe traz resultados e nem respostas sobre o seu paradeiro, mas lhe acarreta marcas deixadas pelos locais pelos quais passou e pelas pessoas com quem conviveu.

Vai, sai desse buraco, isso não é pra ti, tu só não esquece da gente. Obedeci, sem resistência. Lola me deu a metade de um pão dormido, uns goles do seu chimarrão. Toma, pra tu aguentar até lá, levou-me a um orelhão, talvez o último que ainda funcionava, telefonei pra Elizete, a cobrar, tirei-a da cama de madrugada. Na rodoviária, é, voltando de Jaguarão, esqueci o endereço, que cabeça a minha! A prima, estremunhada, não aguentou mais nada, me deu a informação. Voltei, assim, à superfície ainda por explorar. Suas rachaduras já as conheço todas e não esqueço. Chega, Barbie, agora eu paro mesmo, que já está clareando o dia. Agradeço a paciência, gurria, a solidariedade silenciosa, mas agora vou te trancar numa gaveta, tu não leva a mal, tá?, não digo que seja pra sempre, quem sabe ainda reabro estas páginas, passo tudo a limpo. (Rezende, 2014, p. 245).

Uma moradora de rua, Lola, a qual a personagem passa uns dias dormindo na casa abandonada que lhe servia de abrigo, a convence a voltar para casa, pois Alice havia até mesmo esquecido do caminho até o apartamento, por isso liga para sua amiga Elizete, que lhe dá os direcionamentos para voltar. Quando chega ao apartamento é que começa então a narrar a sua história, a qual, escrita de forma não linear, a ajuda a tentar compreender a si mesma e ao espaço que está a sua volta, dando início ao seu relato que aqui analisamos, o qual revela tanto o caos de sua realidade quanto as complexidades internas que a acompanham e a formam enquanto personagem e protagonista da própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa leitura de *Quarenta dias* (2014), compreendemos como os elementos espaciais, memorialísticos e o ato da escrita são essenciais para a construção da personagem analisada, Alice, a qual também foi comparada à Alice de Carroll. Dessa forma, a escrita para ela é uma forma de resistência e de afirmação de si mesma, uma “tábua de salvação”, como a própria protagonista enfatiza, isto é, como o único espaço seguro em que a personagem possa narrar as suas vivências e percepções de mundo, assim como mostra um desejo de criar ficções, característica essa muito comum nas personagens femininas de Maria Valéria Rezende, as quais são geralmente leitoras e/ou escritoras que demonstram o desejo de narrar sobre o que vivenciam.

A protagonista se vê, pois, navegando pelo campo de batalha que é a cidade, onde as identidades são constantemente postas à prova e reformuladas. Assim, a cidade em *Quarenta dias* pode ser compreendida enquanto um espelho que reflete as complexidades da vida moderna, ao desafiar as noções de estabilidade e totalidade e revelando-se como um cenário de contínua renegociação de significados e pertencimentos. Em seus “quarenta dias no deserto”, Alice se depara com uma cidade dividida entre a elite e as pessoas colocadas à margem, bem como com o racismo e a xenofobia latentes que a colocam, assim como os outros “brasileirinhos” (isto é, de pele mais escura e vindos do nordeste), como são chamados pelos gaúchos no romance, em uma caixa que os reduz ao mesmo, sem levar em consideração as suas próprias identidades e locais de origem.

Além disso, embora não tenha sido o foco do presente artigo, foi possível refletir sobre questões de gênero em que o papel de uma mulher já idosa é cristalizado na posição de avó, como se a partir de certa idade as mulheres, mesmo aquelas que conseguiram adentrar no espaço público (estudo e trabalho), como é o caso de Alice, perdessem a sua individualidade e possuíssem a obrigação de se doar à família. Destarte, por meio dos olhos e da escrita de Alice, o leitor é apresentado a uma descrição social e psicológica do ambiente vivido pela personagem, incluindo suas memórias que são constantemente revisitadas. Essas memórias são transmitidas a representações relacionadas aos traumas

vividos pela protagonista no passado e no presente, assim como sua jornada de transformação pessoal.

REFERÊNCIAS

ARGAN, G. C. Arquitetura e cultura. In: ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Tradução de Pier Luigi Cahra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 243-250.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORGES FILHO, O. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC – TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS. *Anais...* 2008. USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRI_S_FILHO.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

BRANDÃO, L. A. Espaço e literatura. In: BRANDÃO, L. A. *Sujeito, tempo e espaços ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2019. p. 67-93.

BRANDELLERO, Sara. A flâneuse na literatura brasileira: espaços e temporalidades contestados. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, p. 01-09, 2020.

BRITO, H. B. de O. *Neorregionalismo brasileiro: análise de uma nova tendência da literatura brasileira*. Teresina: ADUFPI, 2017.

CERTEAU, M. de. Os fantasmas da cidade. In: CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 189-202.

DALCASTAGNÈ, R. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 21, p. 33-53, jan./jun., 2003.

DELGADO, G. E. A autoria feminina na construção literária do espaço social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 619-637, maio/ago., 2015.

PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RESENDE, B. V. de; DAVID, N. A. A cidade e a escrita do corpo em Quarenta dias. *Contexto*, Vitória, n. 30, p. 06-30, jun./dez., 2016.

REZENDE, M. V. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

SARLO, B. Versões da cidade. In: SARLO, B. *A cidade vista: mercadorias e cultura urbana*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 135-175.

SILVA, R. S. S. da. *Mulher e cidade: a representação feminina no espaço metropolitano em Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende. 2022. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Enviado em: 14 de agosto de 2024

Aprovado em: 23 de novembro de 2024